

FILOSOFIAS DO ESPAÇO LITERÁRIO E FORMATIVO CABO-VERDIANO

Carlos Bellino Sacadura

Universidade de Cabo Verde

1. Da Filosofia como sistema racional às Filosofias do espaço poético.

A intenção deste estudo é a de reflectir sobre a construção do espaço no âmbito da Filosofia da Educação, incidindo sobre a pluralidade de espaços como meio de retirar à racionalidade educativa a sua índole unidimensional, abrindo-a a outros espaços do pensar, outros modos de filosofar, outros sentidos. Passa-se assim da univocidade do Logos a outras lógicas plurais ou *heterologias*. A universalidade da Filosofia em geral, e da Filosofia da Educação em particular, não corresponde a uma homogeneidade do pensar, mas constrói-se a partir da pluralidade e diversidade de espaços que a constituem, e do diálogo entre eles estabelecido.

A procura dessa outra lógica, alternativa a uma única forma de racionalidade ou a um único espaço da filosofia, efectua-se aqui a partir da geografia e cultura cabo-verdiana entendida como espaço poético e narrativo. Em vez da Filosofia argumentativa, conceptual, explicativa, racional ou lógica, ligada à racionalidade científica, segue-se a via de uma outra filosofia que compreende o mundo pela via da arte, da imaginação, da ficção, da metáfora ou da narração – em suma, a via da arte. À ideia de uma única Filosofia ou tradição filosófica, correspondendo à emergência dos grandes sistemas filosóficos assentes na “ordem das razões”, articulação sistemática dos conceitos, ou “razão arquitectónica”, abre-se assim o campo para outras filosofias constituídas a partir da dimensão estética, não enquanto área específica no interior de um sistema filosófico, mas como modo de relação com o mundo, ou modo de descoberta e aprendizagem através da arte.

À “ordem das razões” vai-se preferir a rede de imagens, e à organização conceptual construção poética ou narrativa, procurando articular Filosofia e Literatura, o logos filosófico com o heterologos literário. As imagens que estruturam esta abordagem da literatura cabo-verdiana são as do espaço físico, poético ou interior, geográfico, literário ou psicológico, as da viagem, percurso ou itinerário espacial ou pessoal, e a do sonho ou espaço onírico. Na esteira de Bachelard, mas partindo da poética cabo-verdiana, evoca-se o que este denominava como “imaginação material”, a dos elementos primordiais, nas imagens do ar, da água, da terra e do fogo (Bachelard, 1988)

O que separa a Filosofia da literatura é patente e apresentado como evidente: enquanto a Filosofia reivindica uma relação com a racionalidade, o conhecimento e a verdade, ainda que

marcada pela aproximação e pela procura, e não da sua posse – no que se liga mais ao estatuto das ciências –, a arte assume-se como ficção e imaginação. Porém, ambas trabalham com a linguagem – gráfica, visual ou espacial – e se desviam dos lugares-comuns, para reinventarem o sentido habitual da linguagem e construírem um universo próprio. Tanto o poeta como o escritor e o filósofo criam a sua própria linguagem, o seu sentido, como por exemplo, Heidegger concebeu uma nova terminologia filosófica ou recriou o seu significado tradicional (Cf. Heidegger, 1981). A obra – literária ou filosófica – cria um mundo ou universo próprio, reconhecível pelo seu estilo – por exemplo, cartesiano ou proustiano. O poder da imaginação literária abre-nos a outros mundos possíveis, tal como as utopias filosóficas, de Platão a More. Enquanto o poeta Holderlin afirma que “é preciso habitar o mundo poeticamente”, Heidegger recorre à sua palavra para propor uma alternativa ao mundo da técnica e à linguagem calculadora (Heidegger, 1986). A poesia, o romance e a pintura, serão focados neste estudo como expressões do modo de habitar cabo-verdiano, do seu espaço e do mundo, sendo assim meios para uma formação que recorra à arte como instrumento de reflexão, aprendizagem e conhecimento. Da diversidade destas expressões resulta a pluralidade de espaços poético-filosóficos de Cabo Verde.

Este espaço poético-filosófico mantém no seu horizonte as questões tradicionalmente constitutivas da Filosofia – Antropologia, Ética, Ontologia, Estética, Hermenêutica, Filosofia da Linguagem, Lógica – mas sem as abordar como áreas de um sistema organizado: elas emergem como sentidos do espaço literário, sem fronteiras definidas entre domínios, sem compartimentações disciplinares, mais próximos da rede ou do labirinto do que dos caminhos lineares ou ordenados da Filosofia clássica. Uma área não tradicional avulta nesta interpretação, a da “imagética”, a das imagens, sinais e metáforas estruturantes dos universos poético-narrativos.

A construção de um mundo, através da linguagem, constitui o traço comum, não só filosofia e à Arte, mas também às ciências “exactas” ou, na terminologia anglo-saxónica, “duras”. Quando, na literatura, predominava o modelo realista – arte como retrato ou espelho da realidade –, ou, na filosofia e nas ciências, os modelos empiristas e positivistas, esta unidade fazia-se através do primado da experiência, ou da arte, ciência e filosofia como reflexo do real. A rejeição da metafísica em filosofia era acompanhada da recusa do romantismo em arte – ambos eram vistos como fuga ao mundo real, substituído por um mundo de fantasia. O positivismo considerava a metafísica como um mito, considerando que a filosofia devia adoptar o modelo de linguagem científica. Assim, os campos da filosofia e da arte ficavam restringidos, ou, no caso da filosofia, submetidos ao modelo explicativo das ciências, tendo como referência a Física.

A emergência da ciência contemporânea, o corte da filosofia com o positivismo, e da arte com o realismo, vieram alterar este panorama. A relação entre elas já não se funda num reflexo do real mas, inversamente, na sua construção. O real não é um dado, mas uma construção, como consideram filósofos e epistemólogos na linha de Kant e Bachelard. Em vez de acumular conhecimentos, num progresso contínuo, a ciência reinventa o mundo ao construir novos paradigmas teóricos, a arte reconfigura o nosso olhar sobre o mundo, e a filosofia cria conceitos e sistemas. A criatividade torna-se assim no elo que liga a criação artística, a inovação científica e a especulação filosófica. Mantendo-se esses elos ou articulações, a arte, tal como a ciência e a filosofia, pode ser interpretada como meio para a nossa auto-compreensão, e do mundo que nos envolve.

2. O *ethos* crioulo

O movimento literário e cultural mais marcante em Cabo Verde é o da *claridade*. Usa-se o presente porque continua vivo no espaço cultural cabo-verdiano, desempenhando um papel que se poderia considerar canónico no arquipélago, à semelhança do que o crítico literário Alan Bloom reserva para o “cânone ocidental” (Bloom,1997), tendo como referência a obra de Shakespeare. Mantendo este paralelo, poderia ainda afirmar-se que os escritores cabo-verdianos sentem em relação aos claridosos uma idêntica “angústia da influência” à referida por Bloom a propósito da relação com Shakespeare dos escritores que estudou na sua obra: terem que se demarcar do modelo canónico para não serem meros imitadores, mas defrontarem-se com a sua influência e presença dominante.

A claridade apresenta-se como uma ruptura com a anterior tradição literária, ao assumir um enraizamento ou “fincar os pés” na realidade física e cultural cabo-verdiana, da sua geografia aos seus costumes e história, ao invés de imitar modelos ou modas literárias que lhe são exteriores. Na realidade, as suas características e relações com outras formas de literatura, sem deixarem de apresentar os traços indicados, são mais complexas. Se o facto de a fonte para a criação literária ser o enraizamento no espaço cabo-verdiano aponta para a questão da identidade como central, esta não é exclusiva, na acepção de única ou de excluir outras dimensões. Ao invés de situar, circunscrever, limitar, e estabilizar uma identidade cabo-verdiana fechada e imutável, a claridade estabelece uma dialéctica entre identidade e, alteridade, tópica e atopia, estabilidade e movimento, numa tensão nunca resolvida e dinâmica sem fim. Se o enraizamento proposto como lema da literatura claridosa a liga ao realismo, a sua dimensão onírica ultrapassa esta tendência redutora, como acontece no chamado “realismo mágico” latino-americano.

3. Espaço onírico e metáforas da viagem

Ilustrando esta dialéctica, uma das figuras marcantes da claridade e do seu ideário – para muitos, o seu maior expoente –, Baltazar Lopes da Silva, foi também aquele que exprimiu a sua vertente onírica de modo emblemático, no seu pseudónimo poético de Osvaldo Alcântara. A sua referência à “Pasárgada” coloca-se sob o signo da utopia, contrário à limitação a um espaço ou topos. Ao drama das secas, das fomes, da pobreza, que marcam a vida no Arquipélago, opõe-se um mundo diferente, sonhado pelo poeta, onde a justiça impera, nenhum recurso material ou espiritual falta: um espaço-outro, espaço imaginário, que permite a evasão do quotidiano agreste.

Esta temática da evasão, sonho, imaginário, poderá constituir uma forma de evasão, fuga ao enfrentamento do real? A interpretação que se propõe neste estudo contraria esta tese do evasão – não apenas em Baltazar Lopes, mas também noutros escritores cabo-verdianos que recorrem ao sonho e utopia nos seus textos. A dialéctica entre o enraizamento territorial e a procura, os limites territoriais e o anseio de infinito, está longe de ser um tema académico, marcando a realidade das ilhas na sua vertente diaspórica. A emigração, o facto de ser maior o número de cabo-verdianos no exterior do que no arquipélago, marca este tema da viagem, procura de outros espaços, sonho com outros mundos, é uma constante da sua história. Antes de ser vivida, é sonhada e antecipada pelos poetas. Outras vezes, nunca chega a realizar-se, fica no sonho, na contemplação dos navios que partem do cais, na esperança sempre adiada de partir nalgum deles. Outras ainda, opta-se por espaços sonhados, inexistentes, que são visados (Cf. Langrouva, 2004)

A tensão entre os espaços do sonho e do real corresponde também à do espaço interior e exterior. A geografia do arquipélago, e a da Nação disseminada pela diáspora, marcam os limites do espaço exterior – o território onde habita o cabo-verdiano. O espaço interior do poeta não tem limites, é um espaço imaginário do qual o poeta inventa a geografia. Ambos constituem as bases da condição do ilhéu:

“Cerro os olhos e observo a paisagem interior,
cumes, rios, valados, desenham-se no espaço,
contornados a dor.

Com certezas a régua e compasso.

Um potro alado acena um adeus necessário,

Uma flor abre em leque a corola macia,

E perfuma de pranto o horto imaginário
Onde invento sozinho uma outra geografia.”

(Daniel Filipe, 1972)

Em sintonia com esta geografia imaginária, o claridoso Manuel Lopes descreve este mundo sonhado, acessível mesmo àquele que não viaja fisicamente, mas descobre mundos inacessíveis ao passageiro mais viajado:

“Eu não te quero mal

Por este orgulho que tu trazes,

Por este ar de triunfo iluminado

Com que voltas...

(...) Que teu irmão que ficou

Sonhou coisas maiores ainda (...) que aquelas que conheceste

- Bosques de névoa, rios de prata, montanhas de ouro –

Que nunca teus olhos viram

No mundo que percorreste

(Manuel Lopes, 1997, p.42)

O mar, que traça os limites do arquipélago e o encerra num território circunscrito, mas também é uma estrada convidando à viagem, à descoberta, ao ilimitado, é o símbolo maior desta

geografia interior e interior, do apelo à partida marcando mesmo aquele que tem que ficar, conformando-se ou viajando em sonhos:

“O mar”! Dentro de nós todos,
No canto da morna,
No corpo das raparigas morenas, (...)
No desejo da viagem
Que fica em sonhos para muita gente!
Este convite a toda a hora
que o mar nos faz para a evasão!
Este desespero de ter que partir
E ter que ficar!
(Barbosa, 2002)

Num poeta que segue uma via diversa da dos claridosos, porque não se trata de uma literatura enraizada no território geográfico, histórico e cultural cabo-verdiano, mas de uma meta-literatura que cria a sua própria geografia ficcional, a partir da história e dos clássicos universais da narrativa, poesia, filosofia e ciência, vamos encontrar esta mesma reivindicação de uma viagem sonhada, superior às travessias marítimas, e de uma ilha que não existe no espaço físico, mas no espaço dos sonhos.

O viajante que jamais viaja é quem deveras viaja, pois que,
viajando nunca, ele sabe dos múltiplos dons com que o Destino

distingue o sonhador. Sendo assim, (...) o navegante que jamais teve navios e nunca os desejou (...) é o detentor das rotas que levam aos portos por nomear.

(Vieira, 2009, p. 22)

Na poética de Manuel Lopes, o caminho percorrido, o espaço conhecido, é menos importante do que o da descoberta. a utopia sobrepõe-se à tópica:

Quero ir assim embalado

Na saudade das praias que não vi,

Mais desejadas e mais belas

Do que o caminho já andado

(Lopes, 1997, p. 51)

Esta poética da viagem, tendo o mar como meio e símbolo, evoca tanto a realidade da emigração e da diáspora, como a vertente utópica-onírica do ethos crioulo, a sobreposição das praias, portos e ilhas nunca vistas, mas sonhadas, à vivência enraizada no território.

4. A dimensão formativa do romance e da poesia

A literatura cabo-verdiana, tanto na narrativa como na poesia, tem uma dimensão formativa ou de aprendizagem e auto-conhecimento. Trata-se de colocar o indivíduo em situação, recorrendo aos elementos geográficos, históricos, sociais, culturais, como contexto da evolução pessoal do personagem principal ou do autor. A obra canónica deste tipo de literatura é a obra “Chiquinho”, de Baltazar Lopes, romance de formação no qual o personagem Chiquinho efectua um percurso formativo, desde a ilha de origem, São Nicolau, passando pelos estudos em São Vicente, amores, trabalho, amizades, projectos, acompanhados pelas tragédias sociais e naturais – a seca, a fome – até à emigração para a América, que deixa o final em aberto. Embora haja muitos paralelos entre o personagem e o autor do livro, este assume-se como ficção, mas com um alcance realista, pretendendo descrever, através da figura do Chiquinho, a vivência colectiva do povo cabo-verdiano, naquilo que também apresenta de universal – a condição humana (Lopes, 2008).

O modelo clássico do romance de formação é o de Goethe, mas a aprendizagem através da experiência vivida descrita literariamente pode ser encontrada muito antes e num campo mais amplo, em obras como as “Confissões”, de Santo Agostinho, o percurso de descoberta de si na autobiografia intelectual contida no “Discurso do Método” cartesiano, para referir alguns momentos da escrita filosófico-literária enquanto narrativa de aprendizagem. Os determinismos que marcam uma certa modalidade das ciências humanas, de tipo sociológico, geográfico, ou económico, nesta literatura formativa, são nesta literatura vistos como elementos que integram uma construção de si mesmo em relação com o espaço físico, histórico e social, que se constitui mais como um personagem do que como um dado.

Se o objectivo da educação é o de potenciar o tornar-se sujeito, a construção de si mesmo, ou a autonomia do educando, invertendo a sua redução a objecto de determinações exteriores, esta subjectividade não é a de um indivíduo isolado, um “Robinson Crusóé”, mas um processo relacional ou comunicacional. Quando o educando reflecte sobre si, está já situado num universo de linguagem, numa teia de narrativas que integram o tecido cultural em que vive. A identidade colectiva e pessoal passa pela identidade narrativa: a capacidade de uma comunidade local ou nacional, ou para um sujeito construir a sua narrativa, através da sua experiência vivida ou reflexiva. O docente, a Escola, a Biblioteca, são mediadores dessas narrativas, que a educação não pode afastar, se pretender atingir as suas finalidades formativas (Cf. Larrosa, 2003)

Numa altura em que se verifica uma tendência para confinar o ensino ao campo tecnocientífico, o estudo das humanidades – literatura, história, artes plásticas, filosofia – assume um papel insubstituível, se quisermos que as aprendizagens se refiram tanto aos conceitos ou métodos científicos como à condição humana, na sua singularidade multicultural e universalidade.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston (1988). *Fragments d’une poétique du feu*. Paris: PUF.

BARBOSA, Jorge (2002). *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional.

BLOOM, Harold (1997). *O Cânone Ocidental*. Lisboa: Temas e Debates.

FILIFE, Daniel (1972). *A Invenção do Amor e outros Poemas*. Lisboa: Presença.

HEIDEGGER, Martin (1981). *Acheminement vers la parole*. Paris: Gallimard.

LANGROUPVA, Helena (2004). De Homero a Sofia. Viagens e Poéticas. Coimbra: Angelus Novus.

LARROSA, Jorge (2003). La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación. Mexico: Fondo de Cultura Económica.

LOPES, Baltazar (2008). Chiquinho. Lisboa: Cotovia.

VIEIRA, Arménio (2009), O Poema, a Viajem, o Sonho. Lisboa: Caminho.